

Não existe alternativa : o futuro é auto-organizado

Parte 1

Como trabalhadores da área cultural, prestamos a seguinte contribuição ao debate sobre o impacto do neoliberalismo nas relações institucionais:

– Instituições culturais e educacionais, da maneira como se posicionam hoje, não passam de órgãos legais e administrativos do sistema dominante. Assim como qualquer instituição, elas vivem em e através de nós: participamos de suas estruturas e programas, internalizamos seus valores, transmitimos suas ideologias e atuamos como público/espectadores/corpo social delas.

– Nossa visão: essas instituições podem se apresentar para nós como corpos socialmente aceitos, de alguma maneira representativas da sociedade em que vivemos, mas, na verdade, elas não passam de relíquias disfuncionais do projeto burguês. Era uma vez, instituições encarregadas com o papel de promover a democracia, dar fôlego ao mito de que elas são construídas sobre uma troca entre cidadãos livres, iguais e comprometidos. Elas não só falharam nessa tarefa, como também, no contexto do neoliberalismo, se tornaram ainda mais obscuras, mais duvidosas e mais exclusivas

– O Estado e seus corpos institucionais agora partilham alvos e objetivos entrelaçados tão próximos das agendas corporativas e neoliberais que se tornaram indivisíveis. A intensificação e a expansão da ideologia de livre mercado em todos os aspectos de nossas vidas vêm sendo acompanhada por um desmantelamento sistemático de todas as formas de imaginação e organização social antiéticas às demandas do capitalismo.

– Como parte desse processo, fica claro que muitas instituições e suas elites administrativas recém-empossadas estão agora buscando rotas para escapar de seu inevitável falecimento; nesta conjuntura, neste momento de crise, elas estão buscando também estruturas “alternativas” e o que sobrou da esquerda para moldar seus horizontes, sancionar seu papel na sociedade e reanimar suas relações cansadas. E é claro que nós desprezamos isso!

Na correria pela sobrevivência, instituições culturais e educacionais mostraram a facilidade com que podem trair um conjunto de valores em favor de outro e é por esse motivo que nossa função agora é pleitear e aderir aos princípios sociais e fundadores que elas descartaram. Com isso queremos dizer: transparência, responsabilidade, igualdade e participação aberta.

– Com transparência queremos dizer uma abertura, para escrutínio público, das funções e dos processos decisórios administrativos e financeiros. Com responsabilidade queremos dizer que essas funções e esses processos são claramente apresentados e monitorados e que, assim, podem ser mensurados e contestados pelos “participantes” a qualquer momento. Igualdade e participação aberta significam exatamente o que dizem: homens e mulheres de qualquer nacionalidade, raça, cor e status social podem participar de qualquer um desses processos a qualquer momento.

– As instituições, da maneira como se posicionam hoje, bloqueadas num espaço confuso entre o público e o privado, intimidadas pelas demandas do hype neoliberal com suas novas estruturas de gestão, não estão em posição de negociar os princípios de transparência, responsabilidade e igualdade, sem falar na implementação deles. Estamos cientes de que responder a essas demandas pode prolongar e/ou garantir a sobrevivência das instituições, mas felizmente suas práticas profundamente arraigadas as impedem de sequer considerar a ideia num nível mais sério.

– Em nossa condição de trabalhadores com comprometimento político de auto-organização, sentimos que qualquer contribuição crítica para os programas institucionais reforçará também as relações que mantêm essas estruturas obsoletas em seus lugares. Estamos plenamente cientes de que as “nossas” críticas, alternativas e formas de organização não só agem como fatores nas estruturas institucionais, como são cada vez mais utilizadas para legitimar a existência delas.

– A relação entre corporações, o Estado e suas instituições é tão insuportável hoje em dia que não vemos espaço para negociação – não oferecemos contribuições, nem críticas, nem caminhos para reformá-la, nem meios para entrar ou sair dela. Optamos por nos definirmos em relação às formas sociais das quais participamos e não em relação aos programas institucionais imobilizados estabelecidos antes de nós – nossa desregulação é determinada por relações sociais, e não de mercado. Para nós, não há necessidade de atacar o Palácio de Inverno 2 porque, de todo modo, a maioria das instituições já está derretendo com o calor do capital global. Nós não ofereceremos alternativas. Deixe acontecer!

A única questão que permanece é como se livrar da carcaça e lidar com o fedor:

– Nós não estamos interessados nos chamados “ativos”; o pessoal, os prédios, programas, lojas, clubes, bares, instalações e espaços irão todos acabar no penhor no fim das contas...

– Tudo o que precisamos é do dinheiro das instituições para pagar pelo nosso caminho de saída do capitalismo e também aproveitar essa oportunidade para deixar clara nossa intenção de supervisionar e mediar nosso próprio conhecimento, nossas redes e nosso capital social.

– Como primeiro passo, sugerimos uma redistribuição imediata de seus fundos para entidades já existentes e auto-organizadas de claro comprometimento com os direitos, a luta social (antirracista, antissexista, anti-homofóbica) e a representação de trabalhadores e imigrantes. Não existe alternativa! O futuro é auto-organizado.

– No início dos anos 1970, analistas corporativos desenvolveram uma estratégia voltada para reduzir a incerteza chamada de “não existe alternativa” (conhecida, em inglês, pela sigla TINA [There Is No Alternative]). De maneira irônica, agora nos vemos de acordo com isso, mas desta vez somos nós os organizadores desse cenário e executores de nosso próprio futuro, embora sejamos, se muito, a própria encarnação da incerteza.

– Na ausência de uma oposição claramente estabelecida contra o sistema neoliberal, a maioria das formas de prática coletiva e colaborativa pode ser lida como “empreendimento individual”. Com isso queremos dizer agrupamentos ou aglomerados de indivíduos organizados para alimentar mercados de controle corporativo, assumir suas cadeiras à mesa, atender à ideologia dominante e promovê-la.

– A auto-organização não deve ser confundida com empreendimentos individuais ou autoajuda, ela não é uma alternativa ou um canal para o mercado. Não se trata de uma etiqueta, logo, marca ou bandeira sob a qual se veleja pelas águas do neoliberalismo (nem mesmo como o navio pirata sugerido pela MTV)! Ela não possui nenhuma relação com empreendedorismo ou com falsos “coletivos de ofício”.

– Na nossa visão, a auto-organização é um lema para a energia produtiva daqueles que não têm nada a perder. Ela oferece espaço para uma re-politização radical das relações sociais – os primeiros passos da tentativa rumo às liberdades concebíveis.

A auto-organização é:

- Algo anterior às instituições representativas. Para ser mais preciso: instituições são construídas sobre (e, muitas vezes, paralisam) as formas sociais e os predicados gerados pela auto-organização.
- Algo que envolve reforço mútuo, autovalorização, autoempoderamento, auto-historicização e, como resultado, não é compatível com estruturas institucionais fixas.
- Uma força social e produtiva, um processo de devir que, assim como o capitalismo, pode ser tanto flexível quanto opaco – por isso, suficientemente ágil para derrubá-lo (ou contorná-lo). “Artistas (...) tornaram-se o modelo a ser seguido para um novo conceito de capitalismo.”
- Um processo social de comunicação e comunalismo baseado em troca; o compartilhamento de problemas similares, conhecimentos e recursos disponíveis.
- Um conjunto fluido e temporal de negociações e relações sociais que pode ser emancipatório – um processo de empoderamento.
- Algo que se situa em oposição a formas existentes e repressivas de organização e a concentrações de poder.
- Algo que sempre desafia o poder tanto dentro da organização quanto fora dela. Isso produz uma sociedade de ressonância e conflito, mas nunca baseada em dualidades falsas, tal como acontece atualmente.
- Uma organização de sujeitos desregulados. Em sua essência está uma não identidade.
- Uma ferramenta que não exige uma identidade ou voz coesa para estabelecer negociações com outros. Ela pode viver dentro das formas sociais, mas não precisa assumir uma específica e identificável em si.
- Algo contagioso e inclusivo, que se dissemina e multiplica.
- A única maneira de se relacionar com a auto-organização é participando, se auto-organizando e conectando com outras iniciativas auto-organizadas, desafiando a legitimidade da representação institucional.

Nós vamos barrar o projeto burguês, os museus nacionais serão armazenados em seus próprios arquivos, os Institutos de Arte Contemporânea serão entregues a sindicatos de artistas, as Universidades e Academias serão entregues aos estudantes, a Siemens e todos os outros players globais serão entregues a seus trabalhadores. Hoje, o Estado atua como uma unidade administrativa – tal como sugerira o neoliberalismo –, mas com mecanismos de controle, transparência, responsabilidade e direitos iguais para todos.

Anthony Davies (Londres), Stephan Dilleuth (Munique), Jakob Jakobsen (Copenhague)
2005

Este texto pode ser distribuído livremente e impresso em contextos não comerciais e sem dinheiro, sem a permissão dos autores.

Tradução do inglês para português por Daniel Lühmann